

REVISTA

REVISTA

199

PARTHENON LITTERARIO

PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRA SERIE

ANNO I NOVEMBRO N. 7

PORTO ALEGRE

Imprensa Litteraria

1877

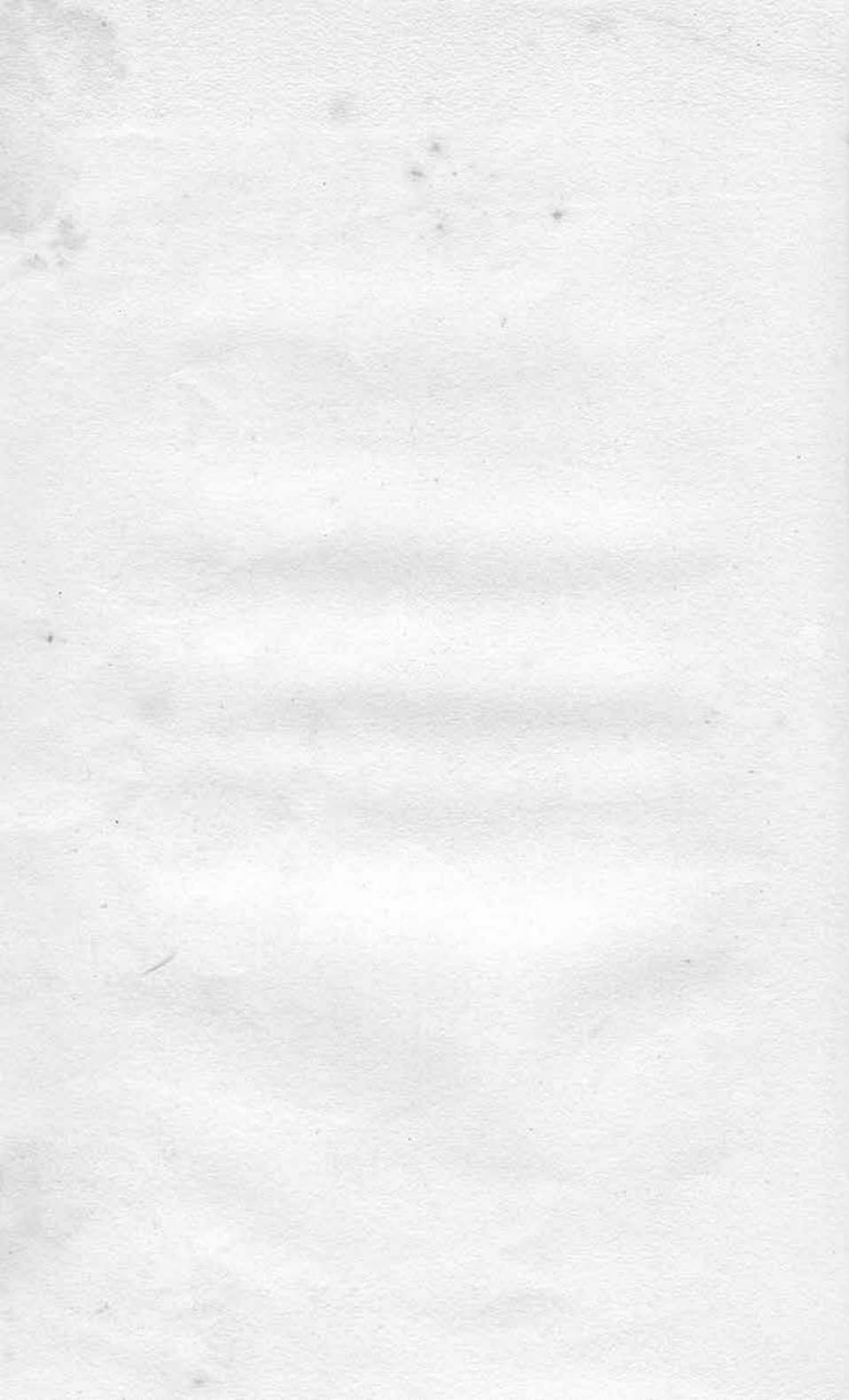
Imprensa Litteraria

1877



EUSEBIO DE QUEIRÓS COITINHO MATTOZO CAMARA.

Lith. de J. Alves Leite



MARTYRIOS DO AMOR

DRAMA EM TRES ACTOS

POR

JOAQUIM ALVES TORRES

PERSONAGENS

Commendador Alves
Dr. Manoel Soares
Gabriel
Silvîo de Mattos
Virgilio Alves

Hugo
Dario Ferreira
Antonio
Corinna

Acção — Porto Alegre: Epocha — 186...

ACTO I

A SEPARAÇÃO

Sala de descanso decorada com esplendor e elegancia, deixando ver ao fundo uma outra também ornamentada com opulencia. Mobilia á gosto moderno. Ficará á direita o sofá

SCENA I

SILVIO e CORINNA assentados no sofá

SILV. (*com a mão de Corinna entre as suas*) — O ar brando e puro que nos cerca, minha doce virgem, é o ar que respirão os anjos do céo. Não ha n'elle o venefico fluido que infiltra-se no intimo d'alma e atrophia impiedosamente as sublimes sensações. Ha, pelo contrario, como que um fluido de suavidade divina que penetra e derrama no seio do coração o prazer e a doçura.

COR. — Não obstante a convicção, a realidade mesmo de tuas palavras, palavras que tantas vezes me têm extasiado, eu sinto a alma confrangida. Magôa-te isso, bem sei. Mas que queres? Este sentir amargo nasceu repentino. Não sei a sua origem. Desconheço-lhe o fim.

SILV. — Não terá má consequência, creio. Quantas vezes, em momentos identicos, meu coração parece esmagado por um peso indefinivel, torturante! Ignoro a origem também. Entretanto horas depois sinto-o livre, ardente, palpitando no intimo do peito. E' sem duvida o toque da mão da natureza no mechanismo delicado, cujo involuero tem o caracter de homem ou de mulher.

COR. — Mas a mão da natureza de certo não toca inutil-

mente no mecanismo humano. E' mister uma causa, uma causa qualquer.

SILV. — Convenho n'isso. Crê porem que a mais commovente causa pode ter proporções para produzir um forte abalo organico. (*Ouve-se a orchestra tocar dentro, do lado esquerdo fundo, uma valsa*).

COR. — A nossa walsa, Silvio.

SILV. — Deixemol-a inebriar lá os sentidos d'aquelles que como nós têm as sensações ineffaveis e poeticas da mocidade. Troquemol-a pela paz deliciosa d'este retiro abençoado. Nós já não vivemos pela dança, vivemos um pelo outro. Nós já não carecemos d'aquella melodia que ha um anno significava o prenuncio de nossos arroubos, que nos vinha intumecer os seios d'alma e esparzir o delirio na imaginação . . .

COR. — Que noites fagueiras e inolvidaveis !

SILV. — Atmosphera de sorrisos e aromas . . .

COR. — Horas de devancios e deliciosos scismares . . .

SILV. — Instantes de sonhos dantescos . . .

COR. — Como se tem perdido tudo nos vincos do passado !

SILV. — E que nos importa o passado, minha casta Corinna, si o presente é mais bello e pleno de irradiações esplendidas, si o horizonte do futuro não está nem de leve rasgado pelo disco escuro do infortunio ?

COR. — Mas a recordação de um viver ameno no paraiço da terra perdura sempre, meu Silvio.

SILV. — Troca-se porém o viver de hontem pelo de hoje, assim como o de hoje será substituido pelo de amanhã. São degrãos da esxada vital. Somos obrigados a transpor-os em obediencia aos decretos da lei natural.

COR. — Não contesto.

SILV. — E demais, adoravel virgem dos meus sonhos, não pairamos presentemente n'uma situação igual ? Será por ventura esquecida um dia a noite de hoje para nós tão fagueira ? Na atmosphera embriagante que reina debaixo d'este céo de serenidades, não se entrelação acaso os sorri-

soz do nosso amor casto e perpetuo com os aromas das flores que rodeião-nos? N'essa fronte candida não turbilho-não futurosos scismares? Em meu cerebro ardente não se creão castellos giganteos de felicidade com os sonhos dantescos? Sim, meu anjo, tudo isso certamente é assim. São horas de devancios divinos que perpassão com toda a brandura imaginavel.

COR. — Tens razão.

SILV. — E' immenso o nosso amor.

COR. — Sem limites.

SILV. (*levantando-se com Corinna, mas conservando-lhe sempre a mão*) — Esta paixão nobre, delirante que ambos alimentamos, um pelo outro, com a seiva de uma inclinação emanada de Deos, é um ideal opulento que se abraça ao collo da realidade, é um sonho que ha de existir eternamente, minha Corinna. (*Gabriel tem apparecido na esquerda*).

COR. — As preces que tenho dirigido ao Creador hão de commovel-o, hão de leval-o a descer sobre nós a benção que aspiramos. Nossas almas ha muito estão unidas para a vida e para a morte, mas sem a sancção de Deos a nossa felicidade será imperfeita.

SILV. — Meu amado bem. (*Dá um beijo na mão de Corinna e ao erguer a cabeça vê Gabriel*).

SCENA II

OS MESMOS e GABRIEL.

SILV. — Gabriel!

COR. (*assustada*) — Meu irmão!

GAB. (*commovido*) — Tranquillizem-se. Conversavão particularmente... não os desejo interromper. (*Vai a retirar-se*).

SILV. — Não vás, Gabriel, peço-te.

GAB. — N'esse caso...

SILV. — Provavelmente ouviste as palavras que disse-

mos um ao outro, assim como presenciaste o osculo que del na mão delicada de tua irmã?

GAB. (*sorrindo*) — Não ouvi, nem vi.

SILV. — Sé franco, Gabriel.

GAB. — E quando ouviisse, o que tinha?

SILV. — Nada para ti que tens uma alma grande e rica de nobreza; nada para ti que me fazes devida justiça e que avalias cabalmente os meus sentimentos: mas muito para mim que de algum modo não procedi como devia; muito para mim que paro na contingencia de offerecer-te uma explicação.

GAB. — Eu entretanto não a exijo, Silvio.

SILV. — Eu porêem devo, preciso dal-a. (*Pausa*). Meu amigo, si já não advinhaste, declaro-te agôra: Adoro estremecidamente tua irmã, adoro-a com uma d'essas paixões que jámais extinguem-se, uma d'essas paixões que o proprio tumulo não consegue aniquilar. Idolatro-a muito e sei que ella compensa-me este amor immenso com outro igual. (*Pausa*) Merece o nosso amor a tua approvação?

GAB. — Approvo-o com a maior das alegrias e desde este momento constituo-me protector d'elle.

COR. — Querido irmão!

SILV. — Excellente amigo!

GAB. — Está bom, está bom; não ha motivos para me encarecerem tanto. Eu costume entregar a Cezar o que pertence a Cezar. São dignos um do outro, porque hei de oppor-me? Não possuo um atomo sequer d'esses irmãos vaidosos e egoistas que por mero gosto sacrificio ou tendem a sacrificar aquellas que como elles nutrirão-se do mesmo seio; nem igualmente sou dos amigos que no acto onde devem patentear a lealdade mostram o coração descarnado e a falsidade em relevo. Sou irmão extremoso, desejo a ventura suspirada da irmã querida. Sou amigo sincero, quero o bem-estar almejado pelo amigo.

COR. — Meu bom Gabriel. (*Abrça o irmão com faccivice*).

SILV. — Amigo modelo. (*Aperta a mão de Gabriel*).

GAB. — Magnificamente. (*Entre ambos*) Tu . . . és uma feiçiceira e tu, Silvio, necessitas um castigo.

COR. — Um castigo pelo que ?

SILV. — Feiçiceira porque ?

GAB. (*para a irmã*) — Porque furtou-me o teu coração. (*Para Silvio*) E é feiçiceira . . .

SILV. (*concluindo*) — Porque seduzio-me. Ella era uma phalena gentil, passou por mim faccifrando, bateu-me com as alvinientes azas no coração e fugio . . . Eu então exasperado pelo gracioso ultraje corri atraz d'ella . . .

GAB. (*concluindo*) — E apanhaste-a . . . (*Para a irmã*) Apanhou-te !

COR. (*amuada*) → Sr. meu irmão !

GAB. — Arrufa-se ? Vou mudar de assumpto. E' verdade. Querem que falle a meu pai ?

SILV. — Por enquanto não.

GAB. — Fallarei depois.

SILV. — Desejo que não o faças sem que eu previna-te primeiramente. Dás-me palavra de honra que não te anticiparás ?

GAB. — Uma vez que a desejas, dou't'a.

SCENA III

OS MESMOS e HUGO

HUGO. (*pelo fundo, reflectindo profundamente. Comsi-go*) — Tinha seiscentas e noventa e nove . . . com aquella de tarde . . . setecentas.

SILV. — Meu tio . . .

HUGO (*distrahidamente*) — Como vais ?

SILV. — Está preocupado ?

HUGO. — Deixa-me. Eu preciso de socego para fazer um calculo. Seria melhor que te fosses embora. (*Continua a meditar*).

GAB. — Vamos para a sala de dansa ? (*Sabe. Silvio dá o braço á Corinna e sahem tambem*).

SCENA IV

HUGO

HUGO. — Está preenchido o setimo quadro, que é o de Silvio. A borboleta que lhe serve de symbolo é o Apollo da Europa. Sempre me andou custando cinco mil e seiscentos réis a tal bonita borboleta... (*Levanta-se e passeia*) Faltão-me ainda outros tres quadros de cem para completar o numero de mil. Quando os hei de possuir? Espero, graças aos meus esforços, tel-os dentro de anno e meio pouco mais ou menos. E si os não obtiver ao cabo d'esse tempo? Não os possuirei, está claro. (*Pausa*) Mas suppondo que não alino directamente com o calculo que ha pouco imaginei, o que me resta fazer? (*Olha para o portal da porta como quem procura n'elle um desfecho para a meditação que o preoccupa*) Olá! Uma borbolotinha preta! Temos máo agouro. A casa do commendador já não me agrada. Eu creio muito nas predicções d'estes bichinhos... As borbotelas negras são salidicas. (*Vai agarrar na borboleta ao tempo que entrão Virgilio e Dario*).

SCENA V

O MESMO, VIRGILIO e DARIO

VIRG. — E' como te confesse, meu caro Dario, estou realmente enamorado.

DAR. — Admira muito no entanto, deixares a corte onde ha centenas de bellas mulheres para renderes o coração á um gentil typo portio-alegrense. O' senhor Hugo, está matando mosquitos?

VIRG. (*sorrindo*) — Pareceu-me tambem.

HUGO. — De:culpem-me, mas VV. SS. forão bastante imprudentes. Ella e-capulio-se.

DAR. — Ella, quem?

HUGO. — Introduzio-se n'aquelle quarto...

VIR. — O meu !

DAR. — Mas explique-se pelo amor de Deos ! Foi alguma moça que entrou no aposento do meu amigo ?

VIR. — Seria interessante . . .

DAR. — E' formosa ?

VIRG. — E' clara ou morena ?

DAR. — E' galante ?

VIR. — FALLE, que estou em ancias . . .

HUGO — V.^{as} S.^{as} enganão-se ; não se trata de moças aqui ; trata-se de . . .

DAR. (*interrompendo-o*) — De que ?

HUGO — De uma borboleta . . .

VIRG. — Ora !

DAR. (*rindo-se*) — Onde tinha eu a idéa ? Esquecêra-me do officio que é exercido pelo Sr. Hugo. (*Baixo, para Virgilio*) E' maniaco pelas borboletas.

VIRG. — Então pretendia apanhal-a ?

HUGO. — Exactamente ; e tel-o-ia feito si os senhores não a espantassem . . .

VIRG. — Sinto muito pelo desprazer que lhe dei . . . (*Baixo, a Dario*) Com elle ao pé de nós é impossivel conversarmos . . .

DAR. (*baixo a Virgilio*) — Eu já o faço sahir. (*Para Hugo*) Em compensação vou lhe dar um gosto immenso. Atraz da porta da rua vi ha poucos minutos uma de enormes azas . . . Si quer segural-a, aproveite.

HUGO. — Que côr tem ella ?

DAR. — Ignoro. De noite todos os gatos são pardos . . .

HUGO. — Eu já não ligo apreço aos lepidopteros do Rio Grande, mas comtudo vou vel-a. (*Sahe*).

SCENA VI

VIRGILIO e DARIO

VIRG. — Fizeste mal. Teria sido mais justo nos dirigirmos á outra sala ou ao gabinete de meu pai.

DAR. — Elle não se julga offendido, acredita. E' um homem que está muito proximo da loucura.

VIRG. (*assentando-se*) — Coitado! (*Pausa*) Mas entretanto, Dario, o que julgas do meu amor?

DAR. — Julgo que has de ser summamente feliz. (*Assenta-se*).

VIRG. — Em que te fundas para assim julgares?

DAR. — Em tudo, Virgilio. Sem offender a tua modestia, és um rapaz digno de qualquer mulher. Tens muita sympathia, estás n'uma posição brilhante, a de bacharel, és rico . . .

VIRG. — Não pronuncies essa palavra. O *sesamo* dos Crassos não tem para mim o minimo valor. Nunca me uniria á uma moça, si conhecesse que ella annua em virtude da minha riqueza.

DAR. — Pois ponhamos isso de parte: sobeja ainda o essencial, a sympathia e a posição. . . A posição n'este caso é o synonymo de gloria, de nome invejavel.

VIRG. — Suppõe que admitto a tua hypothese. Resta agora indagar si ella tem o coração livre. Tão seductora e formosa como é, afigura-se-me impossivel não ser amada e não corresponder.

DAR. — Tenho todas as probabilidades que laboras em erro. Estou, por assim dizer, relacionado com a melhor rapaziada d'esta cidade e nenhum d'elles ainda mostrou-se captivo da linda Corinna.

VIRG. — Corinna! Que nome doce e suave!

DAR. — Além d'isso, meu amigo, teu pai é intimo do Dr. Manoel. Tu és acatado por este e pelo filho que é um excellente moço. Já vês portanto que a tua nobre ambição pode realisar-se.

VIRG. — Deus te ouvisse e attendesse.

DAR. — E porque não?

VIRG. — Vou te confessar um pequeno tormento, talvez infundado ou antes filho de um ciume que me nasceu n'alma. Desconsei que Silvio ama Corinna e que é correspondido.

DAR. — Não creias : Silvio é um rapaz excentrico. Tem grande intimidade com Gabriel, sua mana e o doutor, mas d'ahi não passa. Silvio brinca muito com Corinna por causa d'essa mesma intimidade. E' de quem menos tens a temer.

VIRG. — Corinna! Como és elegante e mimosa! Bem se diz, amigo, que no torrão onde vimos a luz do dia, é o lugar onde tambem achamos a bonina que esparge deliciosos perfumes em torno de nós. Ha cinco annos tenho residido no Rio de Janeiro e não obstante todos os seus gentis rostos por nenhum me senti subjugado. Chego enfim aqui. Meu pai dá um sarão para festejar a minha chegada e o meu grão de bacharel. Aparece-me uma mulher, seduz-me de uma fôrma inaudita e eis-me apaixonado. Estou completamente namorado de Corinna, não hesito em dizel-o.

DAR. — E eu accrescento : has de ser amado por ella.

SCENA VII

OS MESMOS, ALVES e MANOEL

ALV. — Ninguem domina a tua teima, Soares. Quando dizes que uma cousa é, é porque ha de ser mesmo.

MAN. — Si eu não tivesse dados . . .

ALV. — Ahi recommças tu . . .

DAR. — O que se discute, commendador?

VIRG. — Trata-se de alguma questão de direito, doutor? Si é sobre esse ponto, desde já dou razão ao senhor e nenhuma á meu pai?

ALV. — Dizes isso, porque sou leigo em direito?

VIRG. — Não lhe considero tal qual o diz, meu pai. Pronunciei-me pelo lado do doutor, si a questão de facto é essa, porque meu pai em materia de direito é apaixonado. Pelo menos sempre o conheci assim.

MAN. — O meu jovem collega não foi feliz na sua supposição. Eu e seu pai discutiamos sobre outra cousa.

VIRG. — Retiro por consequencia a expressão.

ALV. — Desde que começou o baile até este momento altercamos constantemente.

DAR. — O que prova alimentarem hoje idéas oppostas.

MAN. — Prova melhormente outra conclusão. Prova que o nosso prezado commendador navega hoje nas aguas da obstinação levado por um batel de falsa firmeza.

ALV. — A hyperbole não se coaduna com a verdade.

MAN. — Essa observação já esperava de ti.

ALV. — Ainda bem.

VIRE. — Mas afinal de que se occupavão? Devo confessar que essa desconhecida contenda demais tem desafiado a minha curiosidade.

DAR. — Si ella não é um segredo para nós . . .

MAN. — De modo nenhum. Até pelo contrario peço-lhes uma opinião sobre o assumpto que ora criou a divergencia de nossas idéas.

ALV. — Essa opinião, si fór razoavel, mostrará o teu erro.

MAN. — Ou o teu com mais certeza. Meus amigos, o objecto da nossa questão, é futil e sem interesse algum. Vou contar-lhes o que houve. Estavamos eu, Henrique e mais dois companheiros jogando o voltarete. Era a ultima partida. Dá-se porèm o acaso que um rei é o motivo do Henrique perder. Elle ergue-se enraivecido e faz desabar dos labios uma tormenta de imprecações contra os reis e contra as monarchias, concluindo com vivas á republica. Desagradou-me o seu desarrazoado e o repelli energicamente, defendendo a monarchia.

ALV. — O que tambem desagradou-me.

MAN. — Eu sou monarchista, porque a republica como eu concebi e como realmente ella deve ser, é impossivel existir.

ALV. — Protesto.

MAN. — Entretanto sou um monarchista democrata, porquanto eu adoro a causa do povo regido por uma testa coroada, e detesto toda e qualquer collectividade que se revestir com o manto da aristocracia. Si o povo elegendo

um governo o sagrasse e nem um só homem o desrespeitasse, por certo que eu seria um democrata na aceção mais lata da palavra. De modo porém porque as republicas do globo são constituídas declaro-me pela opposição e tenho mil dados para comproval-a.

ALV. — Os teus dados são sophisticos, repito.

MAN. — Mas não tens o poder de desorganisa-los.

ALV. — Isso é o que tu dizes.

MAN. — E o que provarei sempre. Em uma só palavra, meus jovens amigos, sou acerrimo partidario da ordem, da paz de qualquer paiz. Sou inimigo declarado d'essas propagandas que alarmão constantemente as nações. Pertença a classe dos plebeus, do povo para melhor explicar-me. Vejo que o povo não pode sagrar um governo, por via das ambições de muitos, aceito o rei e admitto portanto a monarchia. A verdadeira democracia seria um mytho, mas não passa de um ideal. Desde a era dos tempos primitivos até a era hodierna está ahí a historia do mundo como um espelho colossal onde nos podemos mirar a vontade.

VIRG. — Diz uma grande verdade.

ALV. — Que eu contestarei emquanto viver. E já que o meu amigo traz à tova da conversação esse espelho colossal, já que appellou para a historia, enthusiasme-se com as monarchias romanas.

MAN. — E podia fazel-o sem perigo de possuir-me d'um falso enthusiasmo, porque, si Roma teve um rei saltador como Romulo ou tyrannos terriveis como Tarquinio, Nero e Caligula, tambem teve reis e imperadores que adquirirão toda a veneração dos povos e gloria da posteridade como Numa, Vespasiano, Antonino e outros muitos. (*Mudando de tom*) Tem paciencia, meu caro Henrique, mas a minha opinião acerca dos estados de governo prevalece.

VIRG. — Colligi do que ouvi do doutor que meu pai é adverso ao seu modo de pensar.

MAN. — Não só é adverso; disse que era um absurdo o que eu proferia.

ALV. - - E é incontestavelmente. Ou bem se é republicano ou monarchista.

MAN. — Eu sou um mixto. Quero a monarchia sem os seus abusos ou a republica com as suas leis primitivas, mas governada por um homem que infunda pelo signal da corôa o respeito.

ALV. — E's insupportavel quando teimas, Soares.

VIAG. — Eu não concordo com meu pai e opino pelas idéas do doutor.

DAR. — Pois eu formalmente me uno ao partido do commendador ; não aceito as doutrinas do Sr. Soares. Proponho que busquemos Gabriel para decidir a questão. (*A parte*) E' um meio de estreitar as relações de Virgilio com o irmão de Corinna.

ALV. — Apoiado. Vamos. (*Sahem*).

SCENA VIII

SILVIO e CORINNA

SILV. — Tenho o pensamento inteiramente agitado, minha Corinna. Talvez que um vago presentimento . . .

COR. — Agora és tu, Silvio. Chegou tambem a minha vez de dizer-te que isso não terá má consequencia.

SILV. — Eu igualmente o supponho, mas por ti e não por mim receio de tudo . . . E' que tu, meu anjo, és um thesouro tão apreciavel e brilhante que a despeito de todos os meus zelos ainda estremeço á menor idéa de perder-te. Que queres, mimosa perola do sexo divino? E' a vehemencia de um amor sem igual, de um amor casto e suave como o riso ou a blandicia dos archanjos de Deos. Minha Corinna, minha linda Corinna . . .

COR. — Meu Silvio . . .

SILV. — Nós já não podemos viver separados, porque esse élo ardente, firme e nobre que liga nossas almas cada vez estreita-se mais, cada dia mais nos une. Vivemos longe um do outro é desfinhar aos poucos, é morrer lentamente.

te . . . Tu deixaste de ser a phalena doudejante que esvoacava sobre as flores de um formoso jardim, deixaste de ser a menina travessa que por toda a parte occasionava interessantes desastres, deixaste de ser a moreninha petulante e buliçosa que provocava mil corações . . . Agora és o colibri, que poisado na adafa da janella, contempla sorridente o desabrochar da rosa e sorve os olôres do cravo e da violeta . . . agora és a moeinha séria que tens olhares sisudos e a bella cabeça repleta de idéas mulheris . . . agora és a donzella pensativa que aninha no divinal seio as commoções de noiva e sente n'alma os beijos do sonhar de esposa . . .

COR. — Meu Silvio . . . (*Tem a fronte pendida*).

SILV. — Eu da mesma sorte mudei, meu querido anjo. Operou-se em todo o meu ser uma metamorphose real. Era folgazão, amigo devotado dos divertimentos, inconsequente ás vezes, mas tambem deixei de o ser, estou transformado. Hoje amo, amo com todas as faculdades d'alma, não existo sem amor, sonho enfim com o rico titulo de esposo, ambiciono todas as suas attribuições; porque tudo está ao teu lado, minha formosa Corinna.

SCENA IX

OS MESMOS e HUGO

HUGO (*pelo fundo, sempre meditativo*) — Sem duvida afugentaráo-n'a como succedeu com a outra, (*Vendo os dois*) Meu sobrinho, uma carta . . .

SILV. — Para mim?

HUGO — Eu, fatigado de procurar no corredor a *bruxa*, talvez da raça dos *parões nocturnos* da Europa, sahi para a rua afim de tomar fresco . . . N'esse comenos dirigio-se para mim um individuo e deu-me esta carta, dizendo: E' para o Sr. Silvio de Matos. Como eu soube que elle estava ahi apressei-me a vir entregal-a. Diga-lhe tambem, que, si quizer responder, utilise-se da occasião. Amanhã pelas oito horas do dia sahe o vapor. Disse e foi-se. E eu,

meu sobrinho, que ajuda em vão procurei a *bruza*, venho-
t'a trazer . . .

SILV. — A *bruza*?

HUGO — Não; a carta. (*Entrega-lhe*).

COR. (*á parte*) — O que me advinha o coração?

SILV. — Obreia preta!

COR. (*afflicta*) — Meu Deos!

SILV. (*abre a carta, lê e estremece dorido*) — Fatalida-
de! (*Encosta-se á cadeira para não cahir. Torna a lêr e
a proporção que lê vai se revolvendo como se sentisse uma
dôr dilacerante*) E' necessario ser homem! (*Como aba-
fando o grito de uma dôr pungente*) Meu pai!

COR. (*assustada*) — Que desgraça te annuncia essa
carta, Silvio? Falla, meu amigo!

SILV. (*com triste doçura*) — Corinna, (*choraudo*) meu
pai é morto!

COR. — Morto! (*Cake na cadeira*).

HUGO — Morreu meu cunhado! (*Leva um lenço aos
olhos*).

SILV. (*soccorrendo Corinna*) — Pobre anjo! Sentiste
como eu uma dôr . . . eu te agradeço, minha angelica Co-
rinna. (*Fal-a erguer-se*) Tambem choras? Pois bem,
confundamos nossas lagrimas . . . Choremos juntos a perda
de meu pai, a perda do venerado autor de meus dias . . .
(*Abração-se*).

HUGO — Meu pobre cunhado! (*Retira-se triste*).

SILV. — Enxuga as lagrimas . . . imilia-me, Corinna. Eu
sou filho e no entanto abaso o pranto . . . o pranto que
n'este momento é copioso no amago do coração, aonde con-
centrão-se a angustia e o luto. Sê forte o ouve-me, porque
ainda a desgraça é maior. Minha mãe está enferma e vê-se
com a morte do esposo reduzida á indigencia. Supplica-me
n'esta carta a minha presença no Rio de Janeiro o mais
breve possível. Qualquer demora pode-lhe ser funesta.
Portanto, minha Corinna, tenho de partir e vou fazel o
amanhã.

COR. — Separar-nos?!

SILV. — E' forçoso; o destino ordena-me: não posso abandonar minha desditosa mãe.

COR. — Nossos corações presagiavam este infortunio. Parte, meu amigo, mas volta dentro de pouco tempo. Traze tua mãe para nossa companhia. Eu amal-a-hei muito.

SILV. — Obrigado, anjo do céu, obrigado por essas expressões que são um bálsamo para a minha dor. (*Tomando-lhe as mãos*) Corinna, duas palavras ainda. Deixo-te até o dia que Deos determinar. Respeito e o mesmo culto pelo nosso amor, eis o que te rogo. (*Abraçando-a*) Adeus. (*Desprende-se d'ella e vai a sair, quando apparecem o Dr. Manoel, Commendador e Gabriel*).

SCENA X

Os MESMOS, MANOEL, ALVES e GABRIEL

SILV. — Acabo de receber uma noticia contristadora, meus senhores: falleceu meu pai na corte, e sigo amanhã para lá por causa de minha mãe. (*Tristeza em todos os semblantes*).

MAN. — Sinto-o do fundo d'alma.

ALV. — Dou-lhe os mais sinceros pezames.

GAB. — O teu pezar é o meu, caro amigo.

SILV. — Agradeço-lhes essas provas de sympathia. Mas queirão aceitar os abraços da despedida. (*Abrça o doutor, depois o commendador e afinal Gabriel á quem diz baizo*) Vêla pelo socgo de minha adorada noiva; mas nada digas a teu pai. Cumpre a tua palavra de honra.

GAB. (*baizo*) — Cumprirei.

SILV. (*abraça-o de novo*) — Até a volta. (*Sahe*).

COR. (*depois de silencio*) — Meu pai, desejo retirar-me para casa, porque me acho um tanto incommodada.

SCENA XI

OS MESMOS, VIRILIO e DARIO

VIRG. (*entrando, á parte*) — Ella! (*Alto*) Que nuvem carregada toldou o horisonte d'este retiro? Estão todos pezarosos . . .

DAR. (*que segue Virgilio*) — E' verdade: reina um silencio tumular.

GAB. — Respeitem-n'o, meus senhores. Elle é o symbolo da tristeza que tributamos ao luto de um amigo.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

A PECCADORA.

(CONTO)

Foste tão alegre . . . e hoje scismas e choras.

Esse olhar, que se firma no horizonte com fixidade absorpta e inconsciente, parece que d'elle espera o brilho que se lhe vai empanando.

Choras e tens esperanças !

Procura illudir-te, que mais vale a esperança, duvidosa, mesmo, que mil realidades.

Ai ! Maria, são de amargas recordações as alegrias que passarão. As reliquias que deixão, arrasta-as o tempo ; fogem como a pedra que o passarinho soltou de sobre a arvore que se curva á beira do arroio.

●nde irá ella ?

Quando findará a tua tristeza ?

Pobre Maria ! o futuro e o desconhecido abração-se em amplexo mortal.

Quem prevêra um e descobrisse o outro . . . fôra, talvez, mais desgraçado.

*
* *

Luiz era, aos olhos de Maria, o mais elegante entre os moços da cidade que assistião á festa na villa ; não o dizia

ella ; confessava-o a si mesma, timida como se aquelle nome lhe fizesse descobrir mysterios assustadores.

Quem a visse então abandonar-se a uma meditação profunda, mas doce e serena como o sonhar dos anjos ; quem a observasse n'essa occasião de recolhimento, em que os olhos fitavão a verde relva, orla do bosque, o azul do céu, mas só vião os illusorios paraizos que, quaes miragens, nos mostra o coração ; quem a visse então, advinharia que para aquella candida camponeza fôra-se a tranquillidade ao sopro da primeira paixão.

Luiz . . . esse percebeu o effeito que produzião os seus ataques á belleza rustica, e o amor que não merecia destinou-o por isso mesmo, á saciedade de um desejo ephemero.

Firmava mais uma vez o seu titulo, o de conquistador : como tal lutou e venceu.

Entre um sorriso de pejo e a confiança no escolhido do seu coração, sentio um dia aquelle anjo que a capella lhe pendêra fanada da frente de peccadôra.

D'aquelle sacrificio ficou para a victima a vergonha e o desengano que ora recúa ora volta ; para elle mais um florão que ostenta entre a sociedade que sabe dar á moral um molde e a applica com conveniencia e distincções.

O forte, o poderoso, a elles dá a sociedade legitimos direitos de fazerem de sua força e de seu poder os instrumentos com que se supplicião as victimas da moral que não é identica, da moral que o sol deixa uma e, quando reaparece, encontra outra.

Para os que têm o sello dos destinados ao holocausto da immoralidade e impudencia humanas, para esses raia o dia do desengano cruel.

Oh ! A sociedade é bem selvagem quando cospe á face da victima o ludibrio da culpa que não é sua !

Entre as fumaças de um havana, Luiz solta hoje aos quatro ventos, na sala do botequim, a chronica d'essa libertinagem na pequena villa.

Si eu a apanho, é porque tanto me revolta a franqueza do scynico, como a tristeza da infeliz Maria.

Vi a alegre, vejo-a peccadôra e arrependida.

Admirei-a virgem, lamento-a mãi que não pode dar ao filho que acaricia o nome do pai.

Ai de ti si não esperasses, Maria!

A. CANDAL.

LULUCHA

VIII

SOB A RAMADA

Erão duas horas da tarde, quando despertei.

O sol no pino dardejava raios flammejantes sobre a terra, narcotizando todos os seres animados. A pupilla para ter fixidade, descabria a palpebra como um cendal protector contra o deslumbramento da luz.

Calma profunda.

Só o canto estridente da araponga, a garrulice da cigarra, e o côro de algum bando de araras, a espaços cruzavão os ares.

Vestindo-me vierão á memoria os episodios da noite anterior: Lulucha, a impressão que produzio sobre mim não só sua belleza inebriante, bem como o perfume de innocencia e bondade que trescalava de si, depois a madrugada, o encontro com a familia Vergueiro, o rompimento com Julia, moça que deixara em meu coração certo re-aibro de acrimonia, senão a semente do tedio ou quem sabe do odio.

Não entristecera com o ultimo contratempo.

Ao contacto da natureza despira a tunica d'um passado lutulento; franca alegria e paz succedera ao atrophiamiento physico, á nostalgia como d'uma patria alem-tumulo, philosophicamente assumpto impervio se pedir-se uma solução cabal e absoluta, no entretanto encantador delineado poeticamente pelo pincel vigoroso da phantasia. Apesar d'isto

o aneio de desafogo contra as causas que apodrecerão minha compleição e meus sentimentos, contra a sociedade que, á força de pregar e praticar os vícios e os crimes, inculca no espirito facil o virus corrosivo, do mesmo modo que o berne se aloja nas carnes e as dilacera; tive mesmo satisfação em encontrar uma outra victima sua, minada de todos os seus preconceitos: alliva em sustental-os, rodeiada de todo o prestigio que dá o *grand-monde*, por orgulho e afferro incapaz talvez de regenerar-se, e portanto de cantar a palinodia, como comecei de fazel-o, desde o momento que bafejou-me a aura fresca da serrania.

— Talvez o digas: malevolo regosijo!

E o que soffri?

E depois quero cevar a vingança na personificação opulenta da sociedade que deixei após mim, em Julia, apparentemente rica pelas condições de fortuna e jerarchia, mas em verdade te digó, pobre de sentimento, trajando sedas para occultar pela exterioridade seductora os andrajos do coração.

— E' uma mulher! excluirás.

Não, meu amigo, não, é uma identificação sinistra, uma synthese satanica! Para mim no retiro que me remoçava, foi a apparição da cabeça de Meduza, o olhar do basilisco legendario; decepar aquella e cegar este, eis a garantia de minha felicidade.

Que estylo emphatico! Pensarás lá comtigo. Não importa, é a fiel expressão do que sinto em presença de Julia, Se ha na phrase energia selvalica, desculpa, ha tambem franqueza plena, e procede das tendencias actuaes em embrenhar-me nas florestas e naturalisar-me na primeira tribo de tupinambás.

E' monomania?

Mysanthropia?

Dá-lhe o nome que te aprouver.

Vê se não tenho razão. Comecei um capitulo com o titulo de — Sob a ramada — e aquella mulher exacerbou-me tanto, que fez desviar-me completamente do assumpto.

Reatemo o fio da narração.

Vesti-me e n'este dia procurei todos os accessorios para parecer guasca ás direitas. O chapéo de palha do Chili, preso sob o queixo por um barbieacho, a calça branca mellida na russilhona de cano alto, as chilenas de prata, o poneho de pala, uma guayaca apre-silhada por duas onças mexieanas, eis como preparei-me. Quem me visse vestido assim e o pingo chibante cuberto de pratarias, chamar-me-hia de monarcha das coxilhas.

Por certa reserva, de que não dou razão a mim proprio, evitei a casa da familia e perguntei na senzala a um crioulo por Zéca.

— Elle botou-se para ali . . . Pode o senhor moço campeial-o n'aquelle capãozinho.

Montei a cavallo e fui em sua demanda.

Encontrei-o.

A bella copa redonda d'uma jaboticabeira secular esparanava a sombra largamente sobre o solo; junto a ella um pé de tajuba tão avançado em annos, de cujos galhos pendião de-grenhadas estas parasitas que cobrem os troncos senis e o vulgo em sua linguagem poetica e pitturesca denomina-as barbas de páo. Entre as duas arvores na projecção da sombra uma bacia de aguas limpidas, em cuja orla mimosa horticencia das serras ostentava seus cachos de flores.

Ahi Zéca sesteava quasi sempre e passava todas as horas de ocio ou lazer, que são muitas n'uma estancia, a melhor costeada.

Uma rêde de trança suspensa de dois galhos, tres pedras formando o fogão, uma chaleirinha, a cuiá e a bomba, eis todos os aprêstos do rude campeiro.

Quando cheguei, estava elle passando pelo fogo de moquem um gordo latú de carne. Preparava o churrasco, ligeira cozinha do gaúcho e symbolisação da sobriedade.

Emquanto virava em todos os sentidos o espeto, ao lado pulava a agua.

— Bom dia, Augusto.

— Bom dia, Zéca.

— Que madrugada de lagarto!

— Ainda você madrugou.

— Sol alto e já descambando. Puxa o pingo para a ramada.

— Eucilhado?

— Que tem? O meu não está ahi amadriuhado com Gambeta?

— Mette pena deixal-o ao páo. Não ha uma sogá ou mancia?

— Não. Não tenha pena, que não adelgaça por horas. Mas se você, quizer, tire o latego da barrigueira e maniete-o na banda de lá da jaboticabeira.

Desencilhei o animal, e seguindo as instrucções de Zéca, fui pol-o no sitio indicado, onde a agua extravasando formava um fio ladeiado por esmeraldinos e frescos tufos de capim.

— Você não tem aqui vazilha para beber-se agua.

— Uma guampa emcima da pedra da fonte.

Depois vim sentar-me ao lado de Zéca.

— Está quasi prompto o almoço ou janta. Para mim bastava sapecado, mas para você que não é cá cancheiro...

— Quem veste á gaúcha, creio que deve ser gaúcho do fundo d'alma.

— Assim é. Como vão os pracistas?

— Não fui vel-os.

— Tambem não quiz. Se eu lá me fosse, ficava de-manchado, mesmo como o bagual livre, senhor dos vargedos, quando cahe na armada do laço do guapo cavalleiro .. Chômico! que só lá tem uma muchacha capaz de fazer-me disparar campo fóra.

— E por causa d'ella não appareci em casa.

— Então tambem de caso pensado?

— Sem duvida.

Zéca fincou o espeto no chão entre os dois.

Tirou a faca e disse:

— Vamos dando de rêlho.

Fiz o mesmo como um bom veterano.

Que differença aos nossos costumes! Painei da vida primitiva, singelo, grosseiro, mas cheio de encantos para mim exilado do pandemonio social.

Ririam vendo-me com dois dedos da mão esquerda segurar um naco do assado, com a outra armada da faca do ponta cortal-a e leval-a á boca, com presteza verdadeiramente indigena. E que churrasco! sem sal, sem o menor adubo, sem farinha . . . excellente, meu amigo, excellentel! Nem os manjares da meza dos reis, nem os opiparos banquetes dos Luculos, nem o mauná dos hebreus, nem a ambrozia da côrte celesite, sabem tanto, como a singela comida moqueada, cotejando sangue!

E vem a pello transmittir-te uma theoria que incubo ha tempos e reforça-se actualmente com a acquisição de novos habitos.

Os povos carnivoros recebem com a alimentação a energia viril, a idéia da nobre independencia, o enthusiasmo até o delirio, a coragem que torna-se indomita, se a não modera o clima e a educação domestica bem dirigida. O que o fôr exclusivamente, inquebrantavel pelo caracter, é invencivel. jámais a escravidão lançar-lhe-ha suas pesadas algemas, jámais curvará pela violencia o joelho ante os pretores e janizaros de qualquer poder. E' por isto que os inglezes, ainda que não satisfacão plenamente esta condicão e sejam egoistas relativamente ao resto da humanidade, não admittem *at home* o menor vestigio de tyrannia; o principio monarchico entre elles não passa de mera phantasmagoria; o principio religioso é o catholico, sem interferencia do papa, o inventor da inquisição e d'outros despotismos em nome de Deos. As republicas do Uruguay e Argentina ali podem tambem procurar o elemento de conflagração que as revoluciona, e a causa é esta combinada com a auzencia quasi nulla, excepto nas cidades, de meios correctivos a tanta força que circula nas arterias; pois o sangue é como os rios, quanto mais copioso, tanto mais pullula a vida; aquelle tornado plethora, mata, estes des-

troem com as enchentes. O Rio Grande, de parte as considerações de posição geographica e de alguns maços de documentos histórico-políticos, no chorumboso churrasco encontrará as razões de sua existência especial na commumhão brazileira, tanto como a Britania em seus celebres roast-beefs.

O que são os herbívoros?

Os que physica e moralmente fracos, sem iniciativa propria, pusillanimes, aceitando os ferros de toda a prepotencia temporal ou espirital.

A raça hindostanica, vegetalista por dogma, fazendo quasi do arroz, dos grãos o de menos propriedades alimenticias, o seu unico sustento, por seus fastos restabelecerá a verdade.

São exqui-itices minhas cá por cima da serra?

Digas muito embora, são as ideias que o frugal e farto almoço de Zéca suggeria-me a espaços.

O especto ficou nú depois de um quarto de hora, em que as mandibulas funcionarão, segundo a lei do appetite de cada um.

— Agora vamos verdear.

E logo passou o chimarrão, irmão gêmeo do churrasco, a unica bebida que ainda mais lhe realça o sabor.

— Boa erva, ponderei, saboreando o verde.

— Não ha de ser, se sou o hervateiro! Nem uma folha de caúna, um raminho queimado, que faça amargar.

E continuamos a conversar a como, ociosamente, ora sobre as scenas da noite passada, ora sobre incidentes que se entremeiavão pela direcção do colloquio.

Largo tempo decorreu, até que quatro cevaduras forão mudadas e a agua esgotou-se.

Então Zéca tirou uma chuspa de papo de avestruz, onde tinha a torcida de fumo, o isqueiro e a palha. Picon o fumo na palma da mão e preparou-me um cigarro.

— E' serrano, disse, macota de parar redeio e não estes garraiosinhos de tua querença. E demais fumo crioulo cá dos pagos.

Estendi a carona e deitei-me, apesar de que Zéca quizesse ceder-me a rêde.

E pitamos em *duice far niente*.

Elle aos embalos, eu reclinado e fitando as ainda verdes jaboticabas que eriçavão todo o tronco da arvore, particularidade que a destaca no reino vegetal.

Meu pensamento voava no entretanto longe, bem longe, debruçava-se na janellinha de Lulucha e contemplava-a em fervente adoração. Quizera por vezes fallar a Zéca sobre a linda moça, mas ou certo pudor ou timidez inexprimivel m'o vedara sempre; parecia que tratar sobre ella, tornal a assumpto da conversação, de algum modo a prejudicava, como o contacto da mão ao candido e olente bogari.

Adormeci, o que já fizera meu amigo.

Não sei quanto tempo levamos n'este estado.

Acordamos a uma risadinha alegre que chilrou aos nossos ouvidos.

Era Libindo e a familia Vergueiro.

— Afinal que cahio no laço! exclamou o estancieiro.

— Pois então fugio-nos, quando tenho duas cachopinhas que são mesmo dois botões de rosa?

— Antes fossemos, primo, que o Sr. Augusto não nos fugiria. A fealdade o repelle... Tem bom gosto...

Depois de cumprimental-os apanhado tão de subito, excusei-me, respondendo a Julia:

— Ou talvez com o receio de ficar encantado, temo as sereias...

— Crê?!

— Duvida?

— Não só duvido, sinto latente o aguilhão da ironia.

— Julga-me capaz?

— Pelo que cucetou esta madrugada...

— Está bom, sentemo-nos, reflectio o velho Vergueiro e foi accommodar-se sobre uma pedra.

— Eu cedo a rêde, interveio Zéca, é a cama da ramada.

— E eu que aceito! disse Julia e saltou n'ella com a rapidez d'um galheiro das varzeas. Obrigada.

— Esta meniuva! exclamou a mãi. A's vezes parecez uma criança!

Preparei o lombilho cobrindo-o com dois pellegos e o offereci a D. Amelia, lancei o cochoni!ho sobre uma pedra e fiz Setembrina occupal-o.

— O senhor parece gostar muito d'esta vida, disse-me Vergueiro.

— Multissimo tornei.

— E não é má. Basta só a tranquillidade de espirito que se goza aqui, longe do tumulto. E o primo Libindo ahi está para provar o que digo.

— Será boa, interveio Julia, mas d'uma insipidez mortal...

— Tambem tu, Julia! Nada te agrada!... disse Setembrina.

— Não sei a que vem teu aparte?!

— Vem...

— Nem sabes! Querias dizer alguma coisa, eis tudo, priminha. O Sr. Augusto não acha razoavel minha reflexão?

— Respeito sua opinião e conservo a minha.

— Teme discuti-la?

— Talvez.

— Pois eu não, peccarei pela franqueza.

Presentemente acho-me n'esta *solidão* por necessidade.

E pronunciou a palavra *solidão* em certo tom que denunciava o proposito de ferir-me.

A mãi ou porque o comprehendeu, como eu, ou porque considerou extrema leviandade, veio reparar o desaso de Julia.

— Quando estás nervosa, Julia, tens umas ideias!

— Então estou nervosa, mamãe? Acha que esta serra-nia merece comparação com alguns dos lugares que estivemos na Europa? Só Bagnères de Bigorre, cercada de serros imponentes, com o bello valle de Campan, o rio.

Adur, as suas fontes thormaes e sobretudo a sociedade *d'elite* que ali se reune na estação dos banhos, só ella agrada-me mais . . .

Não pude conter-me :

— A senhora tem razão !

— Afinal estamos de accordo !

— De accordo, não.

— Não ? !

— A senhora soffre d'uma enfermidade peculiar aos brazileiros ; por isso a justifico.

— Qual ?

— A antipathia a tudo que é patrio. Se lhe apresentassem qualquer artefacto como de procedencia nacional, franziria desde logo o sobrôlho e o repelliria como indigno de suas vistas. Mas o me-mo trabalho com uma *etiquette* franceza teria um sorriso de favor e a mais completa accitação.

— E o senhor soffre d'um mal contrario.

— Engana-se até n'este juizo ; em mim não é mal, é uma virtude, uma extranha virtude n'estes tempos calamitosos. Quando se deprecia tudo o que é nosso, quando se prefere qualquer bugiganga ou quinquilharia européa ao que temos profusamente e de melhor qualidade, devo ser considerado — *avis rara*. Não importa. A consciencia me diz que cumpro religiosamente um dever.

— *Beaucoup de bruit pour rien!* disse com expressão sarcastica.

— Observo-lhe que o francez destôa sob a sombra das jabolicabeiras e tajubas.

— Assim como sua polidez destoaria em Paris.

— Antes isto.

Ficamos silenciosos.

— A tarde começava a cahir.

Um sabiá empoleirado n'uma das arvores, soltou a *catina do occaso*.

Era d'uma doçura maviosa que fallava ao coração. Não sei se pelos sentimentos que acabavão de agitar-me, senti

mais que nunca indizivel prazer em escutal-o. Parecia-me mysteriosa musica, d'uma melodia saudosa e lerna, em uns tons de tanta magia, que a alma como desprendida da terra voava pelo espaço presa nos trillos encantadores.

Procurei ler no semblante de Julia a emoção intima por que passava. Pouco a pouco a vi dominada pelo crepusculo das terras natalicias. Uma gaze de suave melancolia velou-lhe os traços de ordinario envoltos em sorriso zombeleiro.

A physionomia de Setembrina trahia o extase poetico proprio d'aquelle momento, seus olhos humedecião-se em languida ternura.

Vergueiro, Libindo, Amelia, estavam calados. A solemnidade da hora impunha.

Eu com a voz presa dirigi-me a Julia :

— Ouve ! E' a patria que falla e protesta.

E aponte para o volatil cantor.

O sol n' occidente e já transmuntado, por uma bocaina entre dois morros jorrou uma enchente de luz, um feixe da qual veio illuminar uma parte da scena sob a ramada.

Soberbo painel !

Zéca do pé, affagando com a mão as elivas bastas do cavallo, o porte altivo, recebeu de champa a catadupa de raios e de tacou como d'uma illuminura.

— Vê ? exclamei. Eis a encarnação de nossa nacionalidade n'este bello e vigoroso mancebo. N'elle encontrará a senhora a historia, a tradição, a legenda gloriosa da patria.

— Não sei o que deya admirar mais, se a elle ou a seu enthusiasmo.

— O meu enthusiasmo é santo pelo menos.

A espadana luminosa deslocando, retirando-se de Zéca, envolveu Libindo.

O argento das caas despedio mil scintillações. O velho estancieiro surgio como cingido d'uma auréola.

— O que ha de mais respeitavel em extranha plaga ?

Ella não respondeu. Estava embebida nas feições seculares do aucião.

O sabiá continuava a derramar a torrente de sublimes volatas.

IX

O SERÃO

A' noite estávamos todos reunidos na sala de janta da fazenda.

Em torno da meza Amelia, Vergueiro e Libindo.

Julia e Zéca conversavão amistosamente, como antigos conhecidos. Esta moça por seu genio caprichoso e versatil tornava-se um enigma para todos. O meu amigo, na vespera tão prevenido contra ella, agora seria capaz de enriscar a lança em sua defesa. E depois ella procurara assumpto para atrahir-lhe a sympathia. Tratava das diferentes raças de cavallos que vira durante as viagens. Descrevia o andaluz com as fórmulas esveltas, flexibilidade de movimentos, carreira sem rival; o inglez possante, veloz; sobre os de Portugal, do Cabo e até sobre as miniaturas da ilha de Man.

Zéca contestava que na *estranja*, como dizia elle, houvesse um só pingo capaz de sacar luz de uma tropilha de sebrunos e de um tordilho negro, que elle possuia. Quanto á gineteação que Julia encomiava tanto nos paizes estrangeiros, elle rugia :

— O' os carcamanhos! Os carcamanhos! Que venhão cá esses aguateiros macelas, esses changueiros, e a dona verá como um gaucho tapejara os leva a pellego. Houvera de ser chibante que uma gringalhada cueruda e patita sacudisse o pala ante os cavalleirianos das raias do sul! ... Que venhão! Não de ficar baios só ao barulho do coscós.

Julia ria-se perdidamente da explosão que provocara.

Eu que até aqui estivera mudo, embora ella varias vezes appellasse para minha opinião e me concitasse a tomar parte no colloquio, retirei-me e fui ter com Setembrina em calma contemplação n'uma janella.

O céo estava d'uma diaphaneidade admiravel. O desfraldo do campo sem o menor bulicio nas folhas do maccagal, estrellava-se a milhares de vagalumes. O firmamento e a terra erão dois mantos salpicados de pontos laminosos. Dir-se-ia que a campina reflectia os astros celestes.

— Em que scisma, D. Setembrina? disse, acereando-me.

— Admirava o céo, respondeu com a voz meiga e insinuante.

— Em outras terras tem elle este esplendor?

— Não, de certo.

— Pois sua prima seria capaz de jurar por todos os santos do calendario que a athmosfera brumosa de Londres é mais limpida do que a nossa.

Ella sorrio.

E depois ajuntou :

— Aquellas estrellas ao menos lá não se vião.

E indicou o Cruzeiro do Sul.

— Certamente que não.

— Quando chegou-se eu estava admirando-as. Ellas e as Trez Marias são de minha predilecção.

— Ali os olhos ; e o coração ?

— Ali tambem.

— Perdão, se sou importuno ; mas eu o fazia bem longe, lá pelo Rio Grande ; ou então enviava á constellação, symbolo d'uma crença religiosa, as saudades que lhe confrangem o peito.

E esfolhou um sorriso saturado de funda tristeza. Amergeu a fronte e esteve alguns instantes em intimo recólho d'alma.

— No entretanto creia-mo, é a verdade. Vivo para Deos sómente.

E pronunciou as ultimas palavras com solemne gravidade.

Julia veio ter comusco.

— Se fazem um idyllio, não venho interrompel-o, disse gracejando.

— Confessava sua prima, retorqui.

— Como?

E sem esperar a resposta, attrahida pelo espectaculo da campina, e pela volubildade de genio que lhe é proprio, exclamou :

— Que bonita está a varzea toda illuminada !

— Qual ! Nos Pyrinêos e nos valles da Suissa, a scena é mais magnifica, o effeito mais deslumbrante ! E o clima da Italia ?! As suas noites, de que a poesia tem tirado tanto partido ? Quem contemplou da janella d'um *chalet*, nos montes de Schwitz, o lago dos Quatro Cantões ; quem passeiou de gondola nos canaes de Veneza, póde ter uma interjeição de pasmo para as pobrezaas do berço natal ?

— Vingue se, vingue-se ! Apanhou-me de surpresa !

— E' para haver coherencia com o que emittio hoje á tarde.

— Sr. Augusto, e pousou a mãozinha de branco lioz sobre meu hombro, não se zangue mais comigo. Mamã diz que sou phrenetica, nervosa e não sei o que mais ; pois bem ella tem razão. Depois do mal feito é que reconheço sempre a minha imprudencia. O desejo de oppôr-me aos pensamentos de outrem serve-me no peito. E quando sou assim sollicitada pelo espirito de contradicção que me domina, se o não fizesse, creio que ficaria doente. Por sua causa papai já rallhou-me . . .

— Mas . . .

— O' não diga nada, nada me justificaria. O senhor tem justos motivos de queixa.

— Não, em consciencia tambem censurei com pezar profundo meu procedimento de hoje á tarde. Fui incivil até a brutalidade . . .

— E' injusto para comsigo mesmo . . . Era tão santa a

causa que defendia e defendeu-a tão gallardamente! . . . Não vio como fiquei commovida? Como a voz do patriota fallou ao meu coração, vibrou as fibras reconditas do sentimento? Procurei occultar a emoção, mas não tive uma só palavra para responder-lhe. Estava vencida ou antes o senhor communicara-me uma chispa de seu enthusiasmo, identificara-me comsigo mesmo. Se n'aquelle momento puzesse a mão sobre meu peito, havia de reconhecer pelo palpíte irregular e violento, a verdade do que digo. Então promette-me não incommodar-se mais com as minhas puerilidades.

— Depois de tanta franqueza, tão cordial expansão, o que exigirá de mim que não faça?

— Agradecida. Ralhe comigo, quando fôr inconveniente; pois tornar-se-ia bem difficil e constrangida nossa posição, se por questiunculas tivéssemos de viver sob os mesmos tectos tratando-nos glacialmente e obrigados a fallar-nos só por méra cortezia. Seja como um irmão mais velho. Não quer tomar a si este papel?

— De muito boa vontade, ainda que não o mereça.

— Se o merece! . . . Ha de ver como serei obediente. . .

— Tu? acudio com admiração Setembrina.

— Sim, eu mesma; porque esta exclamação?

— Se tu és refractaria a tudo que não seja inspirado por teus pensamentos! . . . Não o dizes sempre que senhora de ti mesmo só a tua propria vontade?

— Tenho dito, e por isso não posso tomar agora uma resolução contraria?

— Ah! podes.

— Já vês. . .

— Que estás te modificando.

— Ah! Sr. Augusto, e eu que o interrompi ao principio e não me lembrava mais. Dizia que confessava a Setembrina, não é?

— Ah! proferi, pelo salto brusco da conversação. Quando ella julgava fragoso o terreno para sustentar a luta, abraçava o primeiro expediente que a emergencia lhe

suggeria. Assim em qualquer pratica, a seu modo de borboletear, os assumptos mais heterogeneos e incompativeis ás vezes de arranco vinhão congraçar.

— O que era ? insistio.

— D. Setembrina assegurava, quando submersa em profunda cogitação e os olhos fitos no céo, que não tinha o pensamento pelo Rio Grande.

— E o senhor duvidou ?

— Duvidei.

— Fez mal. E' como ella o affirmou. Minha prima é d'uma excentricidade chinesa.

— Julia !

— Setembrina ! . . . Se eu lhe contasse o voto que fez !

— Julia ! repetio em tom supplice. A's vezes és d'uma indiscrição !

Um incidente veio talvez opportunamente salvar Setembrina da imprudencia da prima.

Entrou na sala um velho chirú, trajando poncho de bichará, calças de picote que desapparecião inteiramente n'umas longas perneiras de pelle de potro, na cabeça envolvendo as emmaçarocadas melenas um lenço de chita encarnada com flores amarellas nas orlas, dobrado em tres pontas, duas das quaes prendião-se sob o queixo, cahindo a outra sobre a nuca ; chapéo de palha de tiririca com a fôrma d'um cone. Vinha descalço, mas com o calcanhar cingido por enormes e pesadas esporas enferrujadas, cujas rosetas obrigavão o corpo a apoiar-se sobre a ponta dos pés.

Era feio a mais não sel-o, assim como uma especie de bitú, que a imaginação das mucamas crea para metter medo ás crianças que querem ninar.

O rosto mais largo que comprido, os olhos pequeninos, extremamente obliquos sumidos n'umas pelhancas espessas como couro de tapir e á guisa de palpebras, o nariz tão chimbé que quasi nivelava com as faces, a testa como estreita tira de guasca encarquilhada.

Na cintura trazia uma adaga e deitado longitudinalmen-

te sobre o braço enorme trabuco, cuja bocca de sino media mais ou menos um decimetro de diametro. Era uma respeitavel antigualha, falconete portatil, metralhadora de nossos maiores.

— Então, Cururague, que ha de novo? Estamos em guerra? interrogou Libindo.

— Patrão, lá pelo rincão da Caína, uns alarifes estão repontando gado para restinga; pelos modos vão coureal-o. É eu que não sou pangaio, vim apalavrar-me com o seu Zéca para armarmos nós dois um cambalacho . . .

— Quantos são?

— Se esses elhos não mentem, vi assim como coisa de uns cinco.

— E não conheceste nenhum?

— Já fazia bastante lusco-fusco, e no entrementes estava me parecendo que conhecia um, com quem, não vai muito tempo, o seu Zéca topou-se com elle e deu-lhe uma pechada que o botou despalecado no campo.

— O Fernandinho dos Barreiros?

— Esse mesmo, patrão!

— Ah! matungo matreiro e haragonaço! berrou o Moxiba. Mal te foste com a marea quente e já na volteada! Deixa estar! que agora te corto desde a ponta do focinho até a picanha!

— Que vais fazer?

— Elles o verão!

— Deixe o seu Zéca com este bugre velho, e nós arranjaremos tudo sem novidade.

— Mas o que vais fazer, Zéca?

— Unhal-os, estaqueial-os o . . . por Deos, padrinho, não azulão sem conhecer de que páo se faz a canôa!

— Não vás fazer alguma das tuas! Bombeia os homens, vai-lhes na pista e testemunha o furto; porque depois com o delegado conchavaremos o processo.

— Qual, padrinho! Justiça de caboclo, a unica que serve. Pois lá vou eu campeiar o delegado n'umas bibócas sete leguas d'aqui? Enquanto ando a louquear atraz

da autoridade, o Fernandinho se muscaga gungento e pimpão, cavallo de colla atada pisando mimoso, escaramuçando por estas coxilhas afóra! . . .

— Então não partes! Lá por uma rez carneada não se perde a estancia.

— Não se arreceie, que os chimarrões não ficão estivando o campo. Não sou matador.

— Patrão, deixe o seu Zéca, elle é bomzão no que se bota. Elle quer só garrotear o couro dos guanacos. Não ha colleira vermelha, só umas embiras e cipós.

— E me vou, senão levantão acampamento. Quero mais tres peães. Cinco contra cinco.

— E conta tambem comigo, Zéca, disse eu.

— O' amigo Augusto! . . .

— Que é?

— Você agora não se diverte, fica só assonsado.

— Não faz mal.

— E' como quizer.

— Patricio, que é isto? Pelos modos, em vez de ter melhoras, irá piorando. Pois o senhor é para entabolar-se n'uma partida atraz de malvados, quando está doente? E quem sabe lá que malloca de assassinos! O afillado está vaqueano e não é com um tiro de laço que o pialão os mais guapos. Nasceu e cresceu n'esta vida. E depois são umas trinta quadras de mãos caminhos, por saugas, taimbés, descambadas de pedralisa, grotas medonhas . . .

— Mas, patrão, o moço vai só ver como se faz a encerra dos baguaés . . . Respondo por elle . . .

— Quem o chamou na conversa, Cururague? Metta a viola no sacco e trate de ver quatro ou cinco peães. E n'um momento em promptidão de marcha.

O sermão de Libindo humilhou-me, máo grado suas boas intenções; portanto insisti no proposito de tomar parte na excursão. Alem d'isso o successo garantia uma serie de emoções, todas novas e cheias de interesse, o que era bastante para a sortida nocturna ter sainete de meu paladar.

A familia Vergueiro fez ponderações em qualquer outra occasião aproveitaveis.

— Pois, Sr. Augusto, asseguro-lhe que por preço nenhum poria um pé fóra da soleira d'esta porta. Fosse a fazenda minha . . . que se perdesse! . . . Ma dinheiro algum que indemnise a tranquillidade e os commodos d'um homem? Como negociante, vida que não é tão pesada e cercada de perigos como a do campeiro, quantas e quantas perdas não soffri para evitar motivos de inquietação e desgosto? Ainda hoje tenho devedores, tão chicauiastas e entendidos nas embrulhadas do fóro, a quem peço por favor se esqueção de que constitui-me algures seu credor. Tive até por melhor passar-lhes quitação das dividas e ainda sou muito obrigado a dois ou tres que comprimentão-me, quando deparo occasião de encontral-os. A vida já é por si tão curta, cheia de amofinações e cuidados, que não vale a pena a gente buscar por suas proprias mãos o meio de abrevial a mais. E no emtanto, o senhor, por um boi, que demais não é seu, quer arriscar a saude, quem sabe a vida; pois o que vem para roubar nunca vem desprevenido: se é atacado, ou toma da faca ou da pistola, e temos um golpe de morte ou uma bala fatal. . . Está aborrecido de viver? Não o ereio; julgo por mim. O outro mundo será excellente, não vou contra; porém, emquanto puder apegar-me a este, muito meu conhecido e de meu agrado, envidarei todos os esforços.

Em taes argumentos abundou o velho Vergueiro, typo do homem de boa avença, mais philosopho do que milharres que o pretendem.

Eu retorqui, chamando-o de pessimista e mostrando como melhor podia a nenhuma consequencia de meu passo.

— Olhe, meu amigo, apenas dou um conselho. Não vá pensar que quero tomar conta a seus actos. Fallo unicamente com a autoridade de minha experiencia e de meus ja-neiros, e isto mesmo, se quizer admittir.

— Pois não. Admitto, mas . . .

E suspendi em busca d'uma razão.

— Não admitte! interrompeu Julia, trinando uma risadinha gostosa.

— Acho que no que é atinente ao caso, os receios são infundados. É o que faria a senhora em meu lugar?

Respondeu-me de prompto:

— Iria.

— A quem invocou parecer?! Eu não sei até como não lhe veio a velleidade de ir.

— Pois creia, papai, se não fosse um certo medo!...

— E' o que faltava! exclamou a mãe. N'este interim appareceu Zéca com a companha. Fui buscar as armas.

— O' amigo Augusto, contra aquellas pinoias não gaste polvora! Eu levo só faca e maciador.

— Já que vai, leve, patricio, ponderou Libindo. Cururague; que é um gambá manhoso, não deixou o bacamar-te do tempo das Missões.

Fiz as despedidas. Vergueiro e o estancieiro ainda fizeram mil recommendações. Amélia e Setembrina auguravam mal da expedição.

Julia estava serena. Nunca a vira tão docil e jovial comigo.

— Amanhã ha de contar-me todas as peripecias do drama.

— Senão comedia.

— Pode ser.

Continúa.

IRIÊMA

A EVASÃO

(EPISODIO DA REVOLUÇÃO)

I

Pela mente do heróe Bento Gonçalves
 Que turbilhão ardente passa agora?
 Que meditar profundo? O que procura,
 O olhar immerso na nascente aurora
 Do pirajá envolta na escumilha,
 O olhar guerreiro que jamais descóra?
 O que faz da fortaleza sobre a rampa
 O filho sem rival do immenso pampa?

Eis o Forte do Mar! Perfila em frente
 Uma heroica cidade, illustre terra;
 Itaparica ao longe, o mar em torno.
 O que n'aquella rocha armada em guerra,
 N'um reducto do Norte, em pé, tão grave,
 Espera o bravo, cujo nome encerra
 Os destinos do Sul, d'estas cochilhas
 Quesão laudas d'eternas maravilhas?

O nobre guerrilheiro ali convulsa
 — Mythico Promothêo atado ao monte!
 Que de angustias supernas! Quantas magoas!
 Ter dentro d'alma esplendido horisonte
 Onde campeia a diva liberdade,
 E diante do mar — curvar a fronte!
 O abysmo de permeio, a penedia!
 Algemas de captivo, a monarchia!

O condor sobre o cume de granito
 Cercado de volcões e mil perigos,
 Mais soberbo não fita o sol no espaço,
 Nem menos teme a sanha de inimigos!
 O que lhe dóe com veras, n'alma sangra,
 E' ter o gladio inerte, e seus amigos
 Que tombão aos milhares nas batalhas
 Ao rebentar de rãbidas metralhas!

A cada instante, ao sibilar do vento,
 Ao marulhar das vagas do oceano,
 Aos rumores incertos pelos ares,
 O seio preme n'um arquejo insano!
 Se lhe antolha o clarim que chama a postos,
 O trom que rugé, doentrevello o affano
 Nas cargas da immortal cavallaria,
 Sot os corceis calcando a tyrannia!

Que visões pela mente! Que lampejo
 Da face lhe irradia! Tudo esquece!...
 Está na patria e acena-lhe a victoria!...
 Pouco e pouco o presente s'esvaece!...
 Já surge o passado!... Mas de subito,
 Eil-o que treme... o jubilo não cresce!...
 Ao procurar ao lado a fida espada,
 Illusão dolorosa! Nada!... Nada!...

II

Pela mente do heróe Bento Gonçalves,
 Que turbilhão ardente passa agóra?
 Que meditar profundo? O que procura?
 O olhar immerso na nascente aurora
 Do pirajá envolta na escumilha,
 O olhar guerreiro que jamais descóra?
 O que faz da fortaleza sobre a rampa,
 O filho sem rival do immenso pampa?

III

Contempla Itaparica, vaga sombra,
 Além, no véo das alvas matutinas?
 Horóscopo feliz soletra acaso
 Nas fórmas indecisas das neblinas?
 Imagina em miragem deslumbrante
 Na vastidão dos céos — essas campinas,
 Theatro da bravura, patrio estadio,
 Que ás grandes crenças serve de palladio?

IV

Eil-o que ao mar se arroja, scinde as ondas,

Que vem beijar-lhe as plantas com respeito,
 O pirajá o envolve em finas gazes,
 Calmão as brisas que lhe rendem preito.
 De repente um batel nas aguas surge
 E homens que trazem descoberto o peito:
 A' republica! um viva ao longe echôa
 E a nave leve para o largo aprôa.

E no Forte — um clarão! Um som profundo!

Que importa o ribombar da artilharia,
 A morte de roldão na bala ardente,
 Ao guerreiro que as forças desafia
 Dos Cézars da terra? Que lhe importa?
 Quem arvora dos livres o estandarte,
 Dos escravos não teme o bacamarte.

Que lhe importão phalanges de contrarios,
 Rispido céu de bronze, o chão da morte,
 Se a mão que empunha o ferro dos combates,
 A justiça e a razão só tem por norte?!
 Se Deos lhe infunde n'alma em cada pugna
 Eterna luz de vivido transporte?
 Se uns são da servidão o abysmo escuro,
 E elle — o sol nas veredas do futuro?

V

Vai, protectora vela, panda ao vento,
 No pampa azul dos mares; vai ligeira,
 Como o selvagem potro, as clinas soltas,
 Pela livre savana sem fronteira!
 Doces auras ao porto te condução,
 No mastro erguida a tricolor bandeira!
 Altiya cruza a equorea immensidade,
 Que levas o penhor da liberdade!

CHRONICA

« Ninguém é propheta em sua terra » !...

Disse-o Christo, e a sentença do martyr do Golgotha tem atravessado os seculos e attestado em cada epocha que surge o judicio do axioma.

O Brazil, grande na primeira phase de sua existencia, tem arado o terreno bravio dos intelligentes commettimentos e no entretanto vê-se avassalado pelo estrangeiro, preterido na jornada de seu engrandecimento, depreciado e esmagado, talvez, pela falta de patriotismo da maioria de seus filhos.

Vasto, cercado de gigantes florestas, embalsamadô pelas auras que desprendem-se d'uma immensidade rica de encantos, com um solo fertilissimo, adaptado a todas as vegetações, a terra do Cruzeiro caminha lentamente, no real desenvolvimento reclamado pelo esplendor de sua ridente natureza.

E' um facto que fere doridamente a todos que amão este torrão abençoado, mas uma verdade comprovada pelos insuccessos com que lutão as sciencias e as artes entre nós, onde se faz a apologia do rotulo em idioma que, não sendo nosso, encobre substancia curiosa que só serve para ridicularisar o esforço nacional.

O systema Trajano foi repellido no centro do imperio; seu autor desprestigiado.

A Inglaterra experimentou-o, e comprehendendo a excellencia do invento coroou o industrial brasileiro.

Então a patria ingrata, sem dar cavaco pelo gravame em que cahira, abriu os braços para acolher o filho. Depois de apedrejá-lo, levantou-se e glorificou-o, porque elle trazia o « placet » de Albion.

Pedro Americo, estygmatisado pela imprensa, vai foragido á Europa dar expansão ao genio.

A Italia, a mestra da arte, estreita-o n'um amplexo de irmã, admira-lhe a correcção, aureola-lhe a frente e todas as nações cultas do mundo saudão o pintor do Brazil.

O filho illustre volta ao torrão natal, e não obstante o fulgor de seu talento já confirmado pelos mestres, ainda as difficuldades o cercão aqui, e o thesouro nacional diz-se pobre para fazer a aquisição do prodigio creado pelo genio que é o orgulho da nação.

A litteratura nacional, elemento poderoso de nosso progresso, atravessa tambem essa crise contristadora, enfraquecendo-se pelo indifferntismo publico, abutre devorador das mais sublimes inspirações.

A côrte é o centro, proporcionalmente limitado, de nossa litteratura.

Nas provincias, quebra a mudez litteraria lá de decennio em decennio um «ousado» que atira por sobre as camadas de gelo, um pobre livrinho que, se não vai revestido de certo grão de energia, fica hirto no envolvero de neve!

No entanto é o Brazil o mercado do estrangeiro.

A casa Garnier e outras ali estão prenhes de todos os autores de além-mar, e por entre os mil volumes que enchem as suas prateleiras, distinguem-se casualmente uma ou outra obra de Alencar, Macedo, Bernardo Guimarães, Norberto de S. e Silva, etc.

Esses vultos que com justiça conseguirão uma reputação nas letras, encontram por certo facil editoria, porque os livreiros do Rio de Janeiro, visão mais o resultado material do que moral. Uns, porque sendo estrangeiros, são aqui propriamente mercadores de livros, não importando-se com o nosso progresso; os outros, os nacionaes, têm em parte uma justificação ao seu procedimento: não poderem concorrer com aquelles, visto que o gosto publico estragado, de parceria com o pouco apreço ligado ás glorias que tambem são suas, força-os á edição estrangeira que dá-lhes um resultado certo.

A maioria dos leitores do Brazil procurão as traducções; ligarão-lhes fê: não perguntão de quem são, nem d'onde veio a obra: uma vez que foi traduzida é boa.

O romance nacional que é a scena intima, a descripção local, a elevação do que é proprio, não presta.

E assim matão tantas intelligencias inspiradas por este céu refulgente, tantos talentos cheios de seiva, inaugurados com premissas preciosas que feneem ainda no embryão.

* * *

Apezar de tudo o Rio Grande do Sul, não é dos que menos tem feito na cruzada litteraria.

Grande no estádio em que se combate pelas armas a honra da nação, na paz, procura com actividade trabalhar para o monumento das letras nacionaes.

As bibliothecas surgem por todos os angulos da provincia. Pelotas, S. Gabriel, Alegrete, Itaquy, Sant'Anna do Livramento já possuem, por iniciativa publica, essas fontes de alimento para o espirito, esses mananciaes para o coração da mocidade que um dia reerguerá a patria.

* * *

A sociedade «Litteraria Gabriense» tem prestado reacs serviços á causa da instrucção.

Ha longo tempo mantêm uma publicação mensal e os sarões litterarios.

Em Setembro solemnizou o seu 4º anniversario, marco memoravel, que é a symbolisação de 4 annos de lutas contra o obscurantismo.

O «Parthenon» recebeu uma broxura com o discurso pronunciado na sessão magna, pelo illustrado 1º orador da associação, Sr.

Geraldo de Faria Corrêa, uma das mais brilhantes intelligencias d'aquella distincta pleyade.

Como acima dissemos, é a cõrte que propriamente tem vida litteraria. O movimento ali, se não está em relação á capital de um grande imperio, dispõe todavia de recursos em maior escala e da affluencia de intelligencias de todas as partes, que necessariamente têm de procurar um circulo mais amplo e mais caracterisado, para o aproveitamento da tendencia intellectual.

E' por isso que frequentemente os orgãos de publicidade succedem-se, uns após outros, porque enquanto uns canção, tombão na luta ingloria, apparecem intelligencias novas sempre dispostas ao embate das armas do raciocinio, em busca do ideal do bello.

Uma nova publicação veio em Outubro oocupar distincto lugar no mundo das letras.

E' o « Contemporaneo ».

Jornal-revista, em grande formato, occupando-se de todos os assumptos de interesse, satisfaz vantajosamente os principios nobres que o atirarão na liça: o desenvolvimento das sciencias, letras e artes.

Ao « Parthenon » forão offerecidos os 4 primeiros numeros d'esse importante orgão, e da leitura que fizemos ficarão-nos agradavcis impressões.

Sua redacção dispõe de habeis pennas; todo o material é superior e a impressão nitida. As gravuras estão a par do que de melhor nos têm vindo da Europa.

Certos dos bons serviços que publicações d'esta ordem prestão ao progresso moral e material do paiz, nós saudamos ao pujante athleta.

O « Regio Saltimbanco », é um poemeto de Fontoura Xavier, que vem precedido de uma carta do Dr. Lopes Trovão.

Abstendo-nos de qualquer juizo sobre a severidade de apreciação que se nota na carta e na poesia, felicitamos seus illustres autores, dois talentos robustos d'esta nova geração, duas imaginações vulcanicas que soffregão pela grandeza da patria.

O poemeto de que tratamos contém strophes cheias de inspiração, mas que despedem chispas mais ardentes que as lavas de uma cratera. A carta que o precede atavia-se tambem na phrase rica de belleza, porém encandescente e incendiaria.

Nosso distincto comprovinciano Carlos Ferreira, deu á litteratura nacional mais um producto de seu talento.

E' o « Marido da douda », drama que com feliz successo foi representado no theatro S. Luiz, na cõrte.

Já estava impresso o 1º volume do poema « Filhos de Tupan », fructo inextimavel do eminente litterato José de Alencar.

Aquella imaginação preciosa não cansa, e as lettras do paiz vão ganhando-lhe, com poucos intervallos, novos thesouros.

O leitor já conhece sem duvida o resultado que teve a dama russa, que subio á tribuna das prelecções no Rio de Janeiro?

Lydia Paschoff apresentou-se precedida de uma fama litteraria viajada, e um dia attrahio o povo fluminense ao theatro, onde ia tratar da « posição da mulher ».

A curiosidade publica soffreu a maior das decepções, porque teve de assistir a uma prelecção em « off », segundo diz a « Comedia Popular » da côrte.

Ali, pela primeira vez uma senhora occupava a tribuna; além da novidade a preleccionista era estrangeira, e o « Globo », sem conhecê-la, antecipou os detyrambos e já entranchava os louros quando a dama russa despenca-se fatalmente em meio da eminencia, que procurava attingir.

Dos prelos da « Imprensa Industrial » sahio uma nova edição posthuma das poesias de Laurindo Rabello, contendo alguns trabalhos esparços, ainda ineditos, do saudoso poeta.

« Saudades na campa », é, segundo a imprensa fluminense, um mimoso volume de poesias de Salles Guimarães, antigo actor dramático da escola de João Caetano.

Tendo a desdita de cegar, vivia ultimamente sob a protecção de um filho. A morte roubou-lhe esse arrimo na vida e o inditoso pai, vem agora com uma colleção de tróvas pedir auxilio para a compra de uma jazida em que descancem os restos do filho estremecido.

Eduardo Garrido extrahio dos romances de Julio Verne, a « Viagem á lua », peça phantastica que ia produzindo effeito.

A « Moreninha », romance, foi por seu autor convertida em drama, deixando de sua exhibição as deleitosas impressões que já havia produzido em outra fórma.

Aos nossos assignantes prevenimos que a « Revista » publicar-se ha d'oraavante uma vez por mez, com 48 paginas. Occasiona esta resolução; reclamações que tivemos de muitos dos nossos assignantes.

Pedimos tambem desculpa da demora com que é distribuido este numero. Motivos imperiosos obrigarão-nos a retardal-o; promettemos, porém, brevemente regularisar a publicação.

R. DA SILVA.

Novembro 30, 1877,